

HOMENAGEM À PROFESSORA NEIDE ESTERCI¹

A TRIBUTE TO PROFESSOR NEIDE ESTERCI

Horácio Antunes de Sant'Ana Júnior*

Para me ajudar nessa homenagem à querida e sempre professora Neide Esterci, evoco uma conterrânea, Cora Coralina, que, num verso simples, como tudo o que ela fazia, diz: “venho do século passado e trago comigo todas as idades”. Desde o dia 18 de novembro de 2024, quando seu companheiro de longa jornada de vida, o professor José Ricardo Ramalho nos comunicou que, logo pela manhã, a professora Neide Esterci nos havia deixado de vez, este verso passou a ressoar em minha cabeça. Foi no século passado, no início dos anos 1990 que conheci Neide Esterci. Não nos conhecemos em Goiás, onde nasci e por onde Neide e Zé Ricardo viveram experiências significativas e importantes na sua produção intelectual e na vida pessoal. Lembro que a professora

uma vez me contou que seu filho Tomás teve seu nome inspirado no bravo e saudoso D. Tomás Balduino, guerreiro bispo da Diocese de Goiás, antiga capital do estado. Mas, foi numa das entradas da Amazônia, em terras de belezas próprias e de dores universais, no Maranhão, que nos encontramos.

Eu era um recém-chegado ao estado e recém nomeado professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), à época apenas com o título de mestre. Cheguei ao Maranhão encantado com tanta riqueza cultural e artística, principalmente nas manifestações mais populares, e assustado com a mais explícita demonstração das divisões sociais que marcam nosso país que já houvera encontrado. O entranhado poder oligárquico – galvanizado, à época, pela família Sarney

1 Versão anterior foi publicada em: www.blogbvps.com/2024/11/18/neide-esterci-1941-2024-homenagem-de-horacio-antunes-de-santana-junior/.

* Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, MA, Brasil. E-mail: horacioantunes@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1509-8931>.

– sustentado por um controle quase absoluto dos meios de comunicação e por uma concentração absurda das terras, das rendas e do poder, estimulou sempre minha curiosidade e disposição para a pesquisa.

Essa curiosidade que ainda tateava as possibilidades de construção de conhecimentos sobre o Maranhão, era exercida numa Universidade relativamente nova (datada da década de 1960), sempre tida como uma das piores nos vários rankings das universidades federais, mais precisamente no então Departamento de Sociologia e Antropologia, o Desoc, que passava por um forte processo de renovação e apostava muito num conjunto de professores recém nomeados. Foi esse departamento que recebeu Neide Esterci e José Ricardo para uma atividade acadêmica, o que propiciou o início de contato muito profícuo com o Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ. Naquela época, na UFMA, não tínhamos ainda um programa de pós-graduação em Ciências Sociais. O número de doutores do Desoc era reduzido, apesar de já se acumularem ricas experiências em pesquisa, por forte ênfase na pesquisa empírica e organizada em grupos de pesquisa com funcionamento regular, produção constante e destacada proximidade com os movimentos sociais, populares e sindicais maranhenses.

O Desoc decidiu, então, investir fortemente na formação de seus quadros e traçou o objetivo de criar um programa de pós-graduação que pudesse ser instrumento de consolidação de suas experiências de pesquisa. Foi contando com o apoio dessa firme decisão e a partir daquele primeiro contato com Neide Esterci e José Ricardo Ramalho, que busquei me preparar para a seleção do Doutorado do Programa de Sociologia e Antropologia da UFRJ. À época, meus interesses

de pesquisa estavam voltados para entender a relação entre o bumba-meu-boi, manifestação da cultura popular que me fascinou desde o primeiro contato, e a indústria cultural que, no Maranhão, tem profundas ligações com o poder oligárquico.

Projeto elaborado a partir de pesquisas já iniciadas e aprovado na seleção, me mudei para o Rio de Janeiro e comecei meu curso de doutorado. Passei a conviver com o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ) e novos desafios foram surgindo. Um dia, já na época em que eu estava concluindo as disciplinas, Neide Esterci, com quem tinha feito uma brilhante disciplina sobre Usos da Linguagem e que sempre me recebeu com muita generosidade e carinho, tinha acabado de chegar de uma viagem de pesquisa pela Amazônia e, numa conversa, me disse que tinha visto coisas muito interessantes no Acre, que não tinha tempo de pesquisar sobre o que estava acontecendo por lá e, como eu estava sem orientação definida, sugeriu que eu pensasse numa mudança de tema para minha tese. Foi como se um turbilhão tomasse conta de mim. As questões ambientais, desde a graduação, foram paixões que ficaram amortecidas, mas até então não tinha investimentos nessa área. A Amazônia era, para mim, o desconhecido encantador. Nascido nas securas e tortuosidades do cerrado, tinha uma antecipada saudade da floresta. Pedi à professora dois dias para pensar, e não dormi uma noite inteira. No outro dia, a procurei para dizer que aceitava o desafio. Neide, acredito, teve sensibilidade para perceber em mim o gosto pelo desconhecido, pelo desafio, pelo novo. E muito me ajudou a transformar esse gosto em pesquisa.

Daí foi toda a correria para mudar referências teóricas, interesses empíricos, associar uns aos outros, produzir um projeto para

qualificação e enfrentar um campo quase absolutamente desconhecido. Literalmente, Neide me lançou em uma aventura socioantropológica, me apresentou novas dimensões da realidade brasileira e mudou radicalmente minhas perspectivas de pesquisa.

O trabalho foi tão estimulante que, defendida a tese, e após meu retorno ao Maranhão, continuamos trabalhando juntos. Com uma forte inspiração no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da UFRJ e grande participação de Neide e Zé Ricardo, conseguimos criar nosso Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCSoc), cujas primeiras aulas ocorreram no ano de 2003, e do qual participei já como professor, dividindo uma disciplina com o também saudoso professor Sérgio Ferretti.

Participamos de dois Programas de Cooperação Acadêmica (Procad/Capes). O primeiro envolvendo PPGSA e PPGCSoc, sob coordenação de José Ricardo Ramalho e de Sérgio Ferretti. O segundo, envolvendo também o PPGSA da Universidade Federal do Pará (UFPA), sob a coordenação geral de Maria José Aquino Teisserenc e tendo Neide Esterci e eu na coordenação das equipes de nossos respectivos Programas de Pós-graduação. Dessas ricas experiências resultaram três livros e dois dossiês publicados na Revista Pós Ciências Sociais (Repocs). Entre 2010 e 2011, realizei um estágio de pós-doutorado na UFRJ, sob supervisão de Neide Esterci, consolidando mais ainda nossas parcerias.

Ainda em 2004, junto com outros colegas, e dando continuidade aos estudos feitos no Acre, mas com campo empírico voltado para o Maranhão, criamos o Grupo de Estudos Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (Gedmma), que sempre contou com a parceria da professora Neide.

Neide Esterci e seu companheiro José Ricardo Ramalho foram de grande importância para a consolidação das Ciências Sociais no Maranhão. Do quadro do Departamento de Sociologia e Antropologia (hoje extinto, e substituído pelos Cursos de Ciências Sociais Bacharelado e Licenciatura), ainda foram orientandos de doutorado de Neide Esterci os professores Arinaldo Souza (meu orientando no mestrado e hoje colega na UFMA) e Elio de Jesus Pantoja Alves (colega na fundação e consolidação do Gedmma). O prof. Marcelo Carneiro foi orientado por José Ricardo Ramalho.

Por fim, gostaria de destacar o generoso empenho de Neide Esterci na formação e no estímulo ao estabelecimento de parcerias entre seus orientandos, articulando temas tais como: campesinato, peonagem e trabalho escravo; sociambientalismo e conservação na Amazônia brasileira; e conflitos socioambientais e processos de desigualdade no campo. Destaco, além dos já citados, as(os) colegas de orientação de doutorado e mestrado, com quem tivemos ricas trocas: Maria José Aquino Teisserenc, Ricardo Rezende, Annelise Fernandez, Kátia Schweickardt, Ana Paula Perrota, Thaís Danton, Karine Narahara. Neide sempre teve um grande poder de aglutinar pessoas e de estimular o trabalho conjunto.

Ficamos com uma grande e permanente saudade, nos sentindo órfãos, mas com a alegria imensa pela honra de ter podido conviver e partilhar trabalhos com uma das grandes antropólogas brasileiras. A lembrança de sua alegria, beleza, disponibilidade, generosidade e compromisso com a construção de um país mais justo, democrático e fraterno nos acompanhará como exemplo e força!